

C60 | 34.º Domingo Tempo Comum | 20 de novembro de 2016

LEITURA

Os soldados também caçoavam dele; aproximavam-se, ofereciam-lhe vinagre, e diziam: 'Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!'

Acima dele havia um letrado: 'Este é o Rei dos Judeus.'

Um dos malfeitores crucificados o insultava, dizendo: 'Tu não és o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!'

Mas o outro o repreendeu, dizendo: 'Nem sequer temes a Deus, tu que sofres a mesma condenação? Para nós, é justo, porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal.'

E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reinado.'

Jesus lhe respondeu: 'Em verdade eu te digo: ainda hoje estarás comigo no Paraíso.'

Lc 23, 35-43

ASSIM SEJA...

Ao terminar o ano litúrgico a Igreja convida-nos a celebrar a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. Inspirada pelo Evangelho, a Igreja utiliza a linguagem da realeza (reino, rei, rainha, etc.) para falar do mistério da vida ao qual Deus nos chama. O mistério de uma vida de comunhão com Ele e entre nós, o reino no qual Jesus se manifesta como o Senhor do céu e da terra, Senhor da paz e da justiça, numa palavra, como o Rei.

Hoje também termina, celebramos a conclusão do Ano Santo da Misericórdia, convocado pelo Papa Francisco. O Evangelho que acabámos de escutar fala-nos precisamente sobre essa característica que define de maneira singular o nosso Rei Jesus Cristo: a misericórdia. A cena passa-se durante a Paixão. Jesus crucificado é rodeado por dois ladrões. Os seus companheiros, a companhia de Jesus são os dois ladrões na Paixão. Aquele que é clamado pelos soldados como o rei dos judeus parece ser e apenas o rei dos últimos, o rei dos que perderam, o rei dos que erraram, um rei sem trono, um rei fora da cidade, um rei sem soldados. Diante deste Rei paradoxal o Evangelho desenha duas atitudes completamente diferentes: a atitude dos chefes dos judeus, dos soldados e do primeiro ladrão, uma atitude de falsa complacência, de uma espécie de desdém sobranceiro em relação a Jesus. Que Rei é este? Que Deus é este que se deixa humilhar, que aparece

rodeado de ladrões e de pessoas de má vida. De que nos serve, que nos interessa este Rei? Para os chefes, para os soldados e para o primeiro ladrão, o rei, o Rei que eles desdenham, é um rei do tamanho dos seus apetites; a estatura, a sua própria estatura. Demasiado humano o seu egoísmo, mais preocupado em salvar a sua pele do que em salvar os outros. Só o segundo ladrão, só Dimas, de acordo com a tradição da Igreja que assim o chamou, só Dimas vê para além do olhar. Ele reconhece neste rei humilhado um Deus. Reconhece neste Deus crucificado um Rei. E, por isso, pede a Jesus que se lembre dele. Pede a Jesus que tenha misericórdia. Reconhece em Jesus este Deus que vem ao encontro de cada homem. E, sobretudo, vai ao encontro dos últimos dos últimos para, a partir de baixo, elevar-nos a todos, elevar o mundo inteiro.

Esta conclusão do ano jubilar é, talvez, a ocasião de olharmos para a nossa própria vida e pensarmos "quais foram os frutos que este ano jubilar da misericórdia teve na minha vida?" Sinto-me um filho ou filha perdoada? Sinto-me chamado, cada vez mais chamado, a ser um verdadeiro missionário da misericórdia? Peçamos ao Senhor a graça de, como o Seu Filho, de viver inteiramente a nossa condição de servos da misericórdia.

P. Francisco Martins

DESAFIO-TE

Neste final de Ano da Misericórdia, reflete: quais foram os frutos que este Ano Jubilar da Misericórdia teve na minha vida?